



## “BEM-VINDOS À VILA DOS CRONISTAS”: UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO DISCURSIVO CRÔNICA NO ENSINO MÉDIO<sup>1</sup>

### "WELCOME TO THE CHRONICLERS' VILLAGE": AN EXPERIENCE WITH THE DISCURSIVE GENRE CHRONICLE IN HIGH SCHOOL

Wíilton José de Araújo Martins<sup>2</sup>  
Nadjara Thays Teixeira Martins<sup>3</sup>  
Clara Glenda Mendes Galdino<sup>4</sup>

**RESUMO:** A escola é colocada, por vezes, em um patamar sagrado que diverge da vida cotidiana dos alunos, razão pela qual o ensino é percebido como destoante das práticas sociais. Diante dessa problemática, nos questiona Freire (2020, p.32): “[...] por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?”. Este relato é fruto de uma proposta de ensino que se construiu, sobretudo, a partir do esforço de interligar a prática educativa com as vivências dos alunos, sem se perder em um ensino meramente utilitário, mas abrangendo dimensões linguísticas, literárias e humanas. Para isso, tomamos como norte o gênero discursivo crônica, que se nutre do cotidiano, a fim de compor uma sequência didática, valorizando as particularidades do gênero e sua força literária. Fundamentando-nos em Cosson (2016), organizamos o plano de aula a partir das etapas de motivação, introdução, leitura e interpretação, adaptando-as conforme desejamos. Além disso, para amparar as discussões sobre o gênero, embasamo-nos em Bakhtin (2016), Melo (2002) e Chiquim (2013). A sequência didática foi aplicada em uma turma de alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Berilo Wanderley, que se situa em Natal/RN; devido ao contexto pandêmico, as aulas ocorreram em formato remoto por meio da plataforma Google Meet. Apesar das limitações, a recepção estudantil foi positiva, de modo que percebemos a proposta como uma via eficaz de ensino sobre o gênero e de encontro com o texto literário.

**Palavras-chave:** Gênero crônica; letramento literário; ensino médio.

<sup>1</sup> A experiência de ensino discutida neste artigo ocorreu por meio do Programa de Residência Pedagógica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), coordenado pelo Prof. Dr. Nelson Ferreira de Sousa Júnior, na Escola Estadual Berilo Wanderley, onde tivemos como preceptora a Prof.<sup>a</sup> Me. Marliane Azevedo Lira de Medeiros Costa.

<sup>2</sup> Graduado em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2022) e professor substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Ipanangaçu.

<sup>3</sup> Mestranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e especialista em Ensino de Literaturas. Graduou-se em comunicação social (2015) e em língua e literatura portuguesa (2022) pela mesma universidade.

<sup>4</sup> Técnica em Administração pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte e licenciada no curso de Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente, é mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN), na área de Literatura Comparada.



MARTINS, W. J. A. et. al

**ABSTRACT:** School is sometimes elevated to a sacred level that diverges from the everyday lives of students, which is why education is perceived as disconnected from social practices. Faced with this issue, Freire (2020, p.32) prompts us: "[...] why not establish a 'intimacy' between the curricular knowledge essential to students and the social experience they have as individuals?". This account stems from an instructional proposal that was primarily built upon the effort to interconnect educational practices with students' experiences, without succumbing to merely utilitarian teaching methods, but rather encompassing linguistic, literary, and human dimensions. To achieve this, we have taken the discursive genre of the chronicle as our guiding star, as it draws nourishment from daily life, in order to compose a didactic sequence that values the genre's particularities and its literary prowess. Drawing on Cosson (2016) for support, we organized the lesson plan around motivational, introductory, reading, and interpretation stages, adapting them as we saw fit. Additionally, to underpin discussions about the genre, we drew from Bakhtin (2016), Melo (2002), and Chiquim (2013). The didactic sequence was implemented with a class of 2nd-year high school students at Escola Estadual Berilo Wanderley, located in Natal/RN; due to the pandemic context, classes were conducted remotely through the Google Meet platform. Despite the limitations, the students' reception was positive, allowing us to perceive the proposal as an effective avenue for teaching about the genre and engaging with literary text.

**Keywords:** Chronicle genre; literary literacy; high school.

## INTRODUÇÃO

"Escrever prosa é uma arte ingrata", disse um dos maiores escritores brasileiros do século XX, Vinicius de Moraes. Talvez por isso o poeta carioca tenha dedicado a pena predominantemente às poesias e canções. Ainda no texto *O exercício da crônica* (1962), ele complementa: "Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista [...] Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino." (MORAES, 1962).

Se escrever prosa é uma arte ingrata, estimular sua leitura e propor seu ensino é um misto de ingratidão e desafio. Ainda mais nos dias atuais, quando a literatura é questionada enquanto tradição ocidental e, além disso, concorre com uma infinidade de mídias mais atraentes para o jovem do que a leitura. Estudar a fundo a crônica, então, gênero este que flui entre as águas dos textos literário e jornalístico, escapando sempre às tentativas de definição da Teoria Literária, pode parecer um exercício impossível para diversos professores. Crônicas, na maioria das escolas, são usadas apenas como exemplificação de



MARTINS, W. J. A. et. al

normas gramaticais defasadas ou como exercício de interpretação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Porém, diante de um cenário tão desafiador como o ensino público brasileiro, que em 2019 atendia 87% dos jovens no ensino médio regular<sup>5</sup>, não é possível, para os professores, ensinar de forma desvinculada das necessidades, contextos e da linguagem dos jovens de hoje. Nesse contexto, poucos gêneros textuais conversam tão bem com a juventude quanto a crônica, não só por sua linguagem informal e direta, mas também por versar sobre os temas do cotidiano e circular em diversos espaços -- dos jornais impressos aos *stories* do Instagram. Diz Melo (1986, p. 139) que a crônica:

[...] contém ingredientes de crítica social, donde o seu caráter é nitidamente opinativo. É o palpite descompromissado do cronista, fazendo da notícia do jornal o seu ponto de partida, que dá ao leitor a dimensão sutil dos acontecimentos [...] Daí o fascínio que a crônica exerce ao público leitor, constituindo um gênero que permanece cultivado e sempre renovado no Brasil.

Foi considerando tais aspectos que propusemos e aplicamos a experiência pedagógica *Vila dos cronistas*, uma sequência didática (daqui em diante apenas SD) sobre o gênero discursivo crônica. A aula foi ministrada em 10 de março de 2021 para três turmas do 2º ano do ensino médio da Escola Estadual Berilo Wanderley, localizada no bairro de Neópolis, em Natal/RN. Ao todo, cerca de 70 alunos foram impactados pela experiência.

O objetivo geral da experiência pedagógica *Vila dos cronistas* era identificar, através da leitura de diversos textos literários, as características do gênero crônica, bem como a diferenciação entre crônica literária e crônica jornalística.

---

<sup>5</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgados pelo portal jornalístico G1 em 15 de julho de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/07/15/escolas-da-rede-publica-atendem-mais-de-80percent-dos-alunos-do-ensino-fundamental-e-medio-aponta-ibge.ghtml>>. Acesso em: 16 jul. 2021.



MARTINS, W. J. A. et. al

De acordo com o proposto pela Base Nacional Comum Curricular, a SD *Vila dos cronistas* atendia ao desenvolvimento das competências específicas 1 e 6 da área de Linguagens e Códigos e suas Tecnologias, conforme detalhado no quadro abaixo:

**Quadro 1** - Competências e habilidades abordadas pela experiência *Vila dos cronistas*

Competência específica	Descrição da competência	Habilidades
Competência 1	Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.	EM13LGG103 - Analisar o funcionamento das linguagens, para interpretar e produzir criticamente discursos em textos de diversas semioses (visuais, verbais, sonoras, gestuais).  EM13LGG104 - Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.
Competência 6	Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir	EM13LGG601 - Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão



MARTINS, W. J. A. et. al

	produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.	crítica e histórica.  EM13LGG602 - Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.
--	--	--

**Fonte:** Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Elaborado pelos autores (2021).

Para isso, adotamos como aporte teórico-metodológico a proposta de letramento literário de Cosson (2016) e as contribuições de Eagleton (2020) sobre leitura literária. De acordo com o filósofo e crítico literário britânico Terry Eagleton, na obra *Como ler literatura* (2020):

As obras literárias, além de relatos, são peças históricas. Exigem um tipo de leitura especialmente alerta, atenta ao tom, ao estado de espírito, ao andamento, ao gênero, à sintaxe, à gramática, à textura, ao ritmo, à estrutura narrativa, à pontuação, à ambiguidade -- de fato, a tudo o que entra na categoria de "forma". (EAGLETON, 2020, p. 12)

No entanto, de acordo com o autor brasileiro Rildo Cosson, para aproximar essa leitura literária do ambiente escolar é necessário tornar a leitura uma atividade de saber e prazer. No livro *Letramento Literário: teoria e prática* (2016), ele apresenta uma proposta de trabalho da leitura na escola, a qual é dividida em duas sequências didáticas: a básica e a expandida. A sequência básica deve seguir as etapas de motivação, introdução, leitura e interpretação. Para Cosson (2016), para que a leitura se torne essa atividade de saber e prazer é necessário que haja uma preparação, conduzida pelo professor, para entrada do aluno no texto.



MARTINS, W. J. A. et. al

Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação (COSSON, 2016, p. 54).

Na SD *Vila dos cronistas*, realizamos a etapa de *motivação* por meio da leitura inicial do texto *O exercício da crônica* (1962). Após a leitura, mediada por um dos residentes do grupo, provocamos a discussão com os alunos, via chat da plataforma *Google Meet*, sobre a compreensão destes acerca da crônica e suas experiências anteriores com o gênero. Esse momento foi encerrado com a apresentação do roteiro de visitas à *Vila dos cronistas*. Em seguida, realizamos as etapas de *introdução*, *leitura e interpretação* para cada um dos cronistas visitados. Na *introdução*, trouxemos informações pessoais sobre cada autor; na *leitura*, uma crônica de cada autor e, na interpretação, os alunos eram estimulados a comentar sua percepção de leitura no chat da plataforma.

Durante as leituras, também estimulamos os alunos a identificarem as características do gênero crônica que eram comuns entre os textos. Para tal, seguimos as perspectivas teóricas do gênero discursivo propostas por Melo (2002) e Chiquim (2013). Segundo os autores, a crônica pode ser compreendida como uma versão subjetiva de fatos ocorridos, sejam eles “dignos” de virarem notícia ou não, tal qual disse Carlos Drummond de Andrade. Em geral, ela resulta de um olhar humano peculiar, diferente e muitas vezes profundo sobre algo do mundo.

De acordo com Melo (2002), trata-se de um gênero do jornalismo contemporâneo que tem suas primeiras expressões na história e na literatura. Esse mesmo autor aponta que a brasileira especificamente se situa “na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real” (2002, p.147).

Aí se encontra a ambiguidade da crônica, “já que habita na imprensa [...] mas incorpora elementos estilísticos emprestados da literatura, como linguagem metafórica, alegorias, repetições, antíteses, ironia e suspense, por exemplo (2013, p.33). Por isso, Chiquim (2013, p.35), por sua vez, não chega a definir o gênero como jornalístico ou literário;



MARTINS, W. J. A. et. al

pelo movimento que o discurso pode fazer entre esses dois polos para a sua composição textual.

Além da compreensão sobre as características e fronteiras do gênero crônica, também buscamos fundamentar a análise dos textos literários com base em entrevistas publicadas na internet com os autores estudados ou de pessoas de seu convívio sobre o processo da escrita e, em especial, de escrita do gênero.

Optamos por relatar a sequência didática *Vila dos cronistas* porque acreditamos que esta experiência pedagógica foi uma proposta bem executada, que teve boa recepção dos alunos e que, o que é mais importante, pode inspirar outros professores a tentar superar práticas ultrapassadas de ensino de literatura e formação de leitores.

## DESENVOLVIMENTO

Como dito, a proposta de ensino com o gênero crônica percorreu dois encontros remotos (2h). O primeiro foi guiado pela professora preceptora, Marliane Costa, que apresentou aos alunos crônicas jornalísticas e conceituou o gênero conforme a nossa fundamentação teórica. O segundo, por sua vez, é o cerne deste relato, uma vez que foi planejado e conduzido pelos próprios residentes; por esse motivo, expomos detalhadamente a SD e a experiência da segunda parte da aula.

Seguindo o conteúdo programático da disciplina de língua portuguesa nas turmas de 2º ano, na etapa do planejamento de aula elaboramos uma sequência básica, constituída, como já dito, com base nas ideias de Cosson (2016), a fim de abarcar a crônica não somente como gênero discursivo, mas também como texto literário, razão pela qual a sequência foi adaptada. Abaixo, a SD proposta:

### MOTIVAÇÃO

- Procedimentos:



MARTINS, W. J. A. et. al

- I. O professor inicia a aula lendo o texto “O exercício da crônica”, de Vinícius de Moraes;
- II. A partir da leitura, é incitada uma discussão sobre as características do gênero crônica;
- III. O professor, aproveitando a discussão e o texto metalinguístico, retoma teoricamente os aspectos discursivos do gênero;
- IV. Por fim, os alunos são questionados sobre suas experiências de leitura de crônicas e de seus respectivos escritores.

## INTRODUÇÃO E LEITURA

Notação pedagógica: como se trata de um gênero curto e tendo em vista que trabalhamos com mais de um texto, optamos por intercalar as etapas de introdução e de leitura. Nesta seção, associando a literatura ao contexto cotidiano, conduzimos a aula de forma lúdica, transformando o ensino em uma visita à *Vila dos cronistas*, na qual os escritores são apresentados em cenários cotidianos, e as crônicas refletem, também, um estilo de vida e de escrita. O critério da seleção dos textos e dos autores é de responsabilidade do professor e deve estar relacionado ao perfil da turma. Para a nossa aula, escolhemos os textos “Medo da eternidade”, de Clarice Lispector, “Chatear e encher”, de Paulo Mendes Campos, “Justo”, de Luís Fernando Veríssimo, “Eu sei, mas não devia”, de Marina Colasanti, “Alicerce”, de Geni Guimarães, e “Eu vi o amor”, de Carlos Fialho.

- Procedimentos:

- I. O professor apresenta o roteiro de visitas aos alunos, com os respectivos autores a serem vistos;
- II. Os autores são apresentados um por vez, seguidos de sua respectiva crônica;
- III. Os escritores são apresentados aos alunos, inicialmente, a partir de dados



MARTINS, W. J. A. et. al

biográficos;

- IV. Em seguida, o professor leva os alunos a imaginarem um encontro com cada escritor à medida que os conta situações cotidianas vivenciadas por eles;
- V. Após a atividade lúdica, o professor lê a crônica selecionada;
- VI. Por fim, os alunos são incitados a expor suas impressões subjetivas e a refletir sobre a temática das crônicas, o estilo de escrita do autor e as características do gênero.

#### INTERPRETAÇÃO

- Procedimentos:
  - I. Partindo da premissa da crônica como um olhar atento sobre o cotidiano, o professor propõe aos alunos uma produção textual (verbal, verbo-visual, audiovisual) acerca de um fato cotidiano de suas vidas que poderia inspirar uma crônica.

A SD foi aplicada na Escola Estadual Berilo Wanderley, em uma turma de segundo ano do ensino médio, em 10 de março de 2021. Tal turma era bastante numerosa, com cerca de 70 alunos que frequentavam assiduamente as aulas, e os encontros ocorriam uma vez por semana com duração de 1 hora cada. Levando em consideração a situação pandêmica vivenciada em todo o país e, conseqüentemente, a suspensão das aulas presenciais, o encontro específico aconteceu pela plataforma *Google Meet*, utilizando o programa *PowerPoint* e materiais como crônicas, fotografias, testemunhos e biografias.

A atividade foi iniciada com a leitura de uma crônica metalinguística de Vinícius de Moraes intitulada “O exercício da crônica”, pertinente à sequência didática proposta porque demonstra que o cronista é uma pessoa de carne e osso como as demais pessoas, embora tenha necessariamente o olhar atento para os grandes e minúsculos acontecimentos do cotidiano. Além do mais, o texto de Vinícius de Moraes tem a capacidade de ativar



MARTINS, W. J. A. et. al

conhecimentos teóricos sobre o gênero, o que motiva a compreensão teórica, discursiva e literária dos textos.

A partir disso, os alunos foram convidados a expor sua compreensão acerca das características da crônica, retratadas ou não no texto lido. As respostas dos alunos manifestaram as ideias de estilo de escrita, de fonte de inspiração e de temáticas diversas. Seguindo a lógica da discussão, trouxemos à pauta reflexões teóricas de Melo (2002), Chiquim (2013) e Bakhtin (2016) sobre as fronteiras literárias e jornalísticas que circundam o gênero e sobre o seu papel discursivo.

Em seguida, propusemos aos discentes uma experiência lúdica: a discussão se transformou em uma expedição a uma *Vila de cronistas*, na qual encontramos nomes como Clarice Lispector e Marina Colasanti; durante a visita, poderíamos conhecer sua vida, cenas do seu cotidiano e parte de sua obra. Com isso em mente, muitas pesquisas, leituras, seleções e reuniões foram feitas.

Apresentamos à turma a nossa proposta de ensino e, tal qual um guia de turismo, expusemos o roteiro de visitas às casas dos cronistas, conforme a ordem de nascimento: Clarice Lispector (1920-1977), Paulo Mendes Campos (1922-1991), Luís Fernando Veríssimo (1936-), Marina Colasanti (1937-), Geni Guimarães (1947-) e Carlos Fialho (1979-). É interessante observar que, entre os autores selecionados, estão a homenageada da edição 2021 da Olimpíada de Língua Portuguesa, Geni Guimarães, e um representante da literatura potiguar, o jornalista e editor Carlos Fialho.

No decorrer da aula, visitamos casa por casa, e, assim, conhecemos um pouco do morador – sua biografia, personalidade íntima e projeto artístico –, oportunizando a leitura e discussão de crônicas de cada um deles. Para ilustrar essa etapa da aula, apresentamos abaixo slides referentes à visita guiada à moradia de Clarice Lispector.

**Figura 1:** Slide com parte da biografia da cronista da vez.

## CONHECENDO A MORADORA

- Nascida na Ucrânia (1920), filha de uma família de imigrantes judeus. Veio para o Brasil em 1922. Viveu em Alagoas, Pernambuco e Rio de Janeiro, mas se considerava pernambucana;
- Foi casada com um diplomata, mas separou-se e passou a criar sozinha seus dois filhos;
- Jornalista de formação, escreveu contos, ensaios, romances, crônicas e literatura infantil.



CLARICE  
LISPECTOR

**Fonte:** elaborado pelos autores (2021)

É natural que, antes de visitarmos alguém, o conheçamos. Por essa razão, seguindo essa ordem, perguntamos aos alunos conhecimentos prévios sobre o autor (incluindo leituras anteriores ou lembranças sobre a personalidade). Em seguida, apresentamos a pessoa pública do/ da cronista, trazendo dados biográficos seus, como podemos ver na figura 1

**Figura 2:** Slide com dados mais pessoais da cronista da vez.

### ENCONTRO COM CLARICE:

“Comecei a ir à casa dela, e era estranho também, porque Clarice tinha essa coisa de encarar você e fazer perguntas diretas. Ela era desconcertante.”  
(Chico Buarque)

“Ela é exatamente como os seus livros: transmite uma sensação estranha, de uma sabedoria e amargura impressionantes. Tem olhos hipnóticos e diabólicos. [...] É impossível sentir-se à vontade perto dela, não porque sua presença seja desagradável mas porque a gente pressente que ela está sempre sabendo exatamente o que se passa ao redor.” (Caio Fernando Abreu)

### ENTRE A LITERATURA E A VIDA:

- A “estranheza” diante do mundo;
- O existencialismo e o intimismo clariceano.

“continuo um pouco sem jeito na minha nova função daquilo que não se pode chamar propriamente de crônica. [...] fico automaticamente mais pessoal. E sinto-me um pouco como se estivesse vendendo minha alma”

- Clarice Lispector



A CASA DE  
CLARICE  
LISPECTOR

**Fonte:** elaborado pelos autores (2021)

No slide seguinte, exposto acima, finalmente entrávamos na casa da pessoa e tínhamos contato com uma faceta sua mais pessoal/íntima. Foi muito útil, para isso, testemunhos de amigos próximos dos cronistas. No caso de Clarice, recuperamos falas de Chico Buarque e Caio Fernando Abreu, que tiveram contato com ela. Nesse momento, também oportunizamos o conhecimento do projeto artístico do/a profissional, e incluímos uma consideração sua relacionada ao gênero crônica.

**Figura 3:** Slide com crônica de Clarice Lispector.

## MEDO DA ETERNIDADE

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade. Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

- Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.
- Como não acaba? – Parei um instante na rua, perplexa.
- Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta.



**Fonte:** elaborado pelos autores (2021)

Para encerrar a visita à casa de Clarice, lemos uma crônica na íntegra da cronista. Após a leitura, abrimos espaço às impressões dos alunos e discutimos a temática da crônica, sua fonte de inspiração, sua forma literária e a relação com o nosso cotidiano.

Esse percurso *autor – pessoa – obra* se repetiu com os outros cronistas escolhidos, entre os quais fizemos comparações de estilo, de tema, etc. Mas, por conta do tempo, duas das seis crônicas selecionadas não puderam ser discutidas. Para além dessas limitações de tempo, também a interpretação se viu prejudicada devido ao andamento do bimestre. A aula de crônica foi a última atividade do ano letivo, seguida, somente, da avaliação final da disciplina. Esse calendário nos levou a adaptar a avaliação para um formulário, no qual os alunos dissertaram sobre as crônicas retratadas em sala de aula.

Embora diante desses imprevistos, a nossa avaliação é de que o resultado da aula foi satisfatório porque a presença dos alunos se manteve até o final, e a turma se mostrou participativa ao responder às nossas perguntas dirigidas do começo ao fim da aula sobre o



MARTINS, W. J. A. et. al

gênero e suas práticas leitoras. Nesse sentido, consideramos a proposta como um projeto de ensino inovador, eficiente e significativo, uma vez que abarca um debate além gênero discursivo, promovendo um encontro do aluno com a literatura e valorizando os seus contextos cotidianos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades relatadas acima evidenciam a importância de pensar novos caminhos para o ensino de língua portuguesa e dos seus conteúdos curriculares. Conduzidos por essa premissa, neste trabalho relatamos uma experiência que não somente nos possibilita o contato com o planejamento de aulas inovadoras, mas também nos faz vivenciar todos os desafios da sala de aula, acrescidos pelo formato remoto e pelo contexto pandêmico.

No choque entre idealização docente e realidade, aprendemos a adaptar os nossos materiais, a nossa forma de ensino, a nossa abordagem, a fim de que os alunos possam, de fato, construir um aprendizado significativo. Reforçamos, diante de tudo, a relevância de valorizar a força dos textos literários, sem reduzi-los aos protótipos de gênero e da gramática normativa, mas promovendo o encontro pleno dos alunos com a literatura estudada.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: \_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2016, p.11-22.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)>. Acesso em: 16 jul. 2021.

CAMPOS, P. M. “Chatear” e “encher”. **Blog Armazém de Texto**. Disponível em: <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/12/cronica-chatear-e-encher-paulo-mendes.html>>. Acesso em: 5 mar 2021.



MARTINS, W. J. A. et. al

CHIQUIM, G. A impressão do cotidiano: um estudo das ambiguidades da crônica e a transgressão de seu caráter efêmero. **Revista Literária**, v. 11, 2013, p. 27-40.

COLASANTI, M. **Eu sei, mas não devia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

COSSON, R. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

EAGLETON, T. **Como ler literatura**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FIALHO, C. **Crônicas na escola**. Natal: Jovens escribas, 2016.

GUIMARÃES, G. **A cor da ternura**. São Paulo: FTD, 1991.

LISPECTOR, C. Todas as crônicas. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

MELO, J. M. de. Crônica. *In*: CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e literatura**: a sedução da palavra. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 163-171.

MORAES, V.. **Para viver um grande amor**: crônicas e poemas. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

VERÍSSIMO, L. F. **As mentiras que as mulheres contam**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015

### Como citar este artigo (ABNT)

MARTINS, W. J. A. MARTINS, N. T. T. “**Bem-vindos à Vila dos Cronistas**”: Uma experiência com o gênero discursivo crônica no ensino médio. *Revista Iniciação & Formação Docente*, Uberaba, MG, v. 10, n. 1, p. XXX-XXX, 2023. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

### Como citar este artigo (APA)

MARTINS, W. J. A. MARTINS, N. T. T.(2023) “**Bem-vindos à Vila dos Cronistas**”: Uma experiência com o gênero discursivo crônica no ensino médio. *Revista Iniciação & Formação Docente*, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.